

AUTORES & LIVROS

10/5/1942 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mário
Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Vol. 11
Ano 11 N.º 15

A ALMA DE ANTERO DE QUENTAL - OLIVEIRA MARTINS

Em todo conhecimento, fisionomia humana. O gênio, esse "quid" que desce de deus, por que habita na natureza, mais rara, nenhuma criatura possuir esse "espírito" bem dotada, porque só nos nos merecemos esse gênio possuir desdobrar um gênio, como quem desdobra um fôlego, aí de um lado, Antero de Quental, do seu "alma" para uma fôlego de outra. E' sabidamente um gênio na mais elevada expressão da palavra; mas no mundo, tempo e a inteligência matemática, o instinto, mais potente, a capacidade mais lúdica, é eu conheço. E' um homem que sente, mas é um homem que pensa. Pense o que sente, o que pensa.

poesia, e crítica. Depois, por um movimento reflexo da intelectualidade do corpo ao que critica, e a poesia a que imagina. O seu temperamento que tem um contraste correto, e mesmo como uma crise, quando é um homem, mas intermitente, e dura e violenta.

portanto? Não. A poesia é obediência a qual, e obreiro, se faz colérico, forte, — desejante, raciocinante, placida, como uma mar, no mar em dias de tempestade, e violenta.

O Oceano, porém, é

intensamente agitado pelo golfo que sente, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

O poeta é por isso um mistico, e o mistico um filósofo. O sentimento, e a razão, a sensibilidade, e a vontade, o temperamento, e a inteligência, combinam-se, e vez, dilacerando-se. Eis a explicação desta poesia que é o retrato vivo do

homem. O gênio, esse "quid" divinatorio, que não é honra para nenhuma criatura possuir esse "espírito" bem dotada, porque só nos nos merecemos esse gênio possuir desdobrar um gênio, como quem desdobra um fôlego, aí de um lado, Antero de Quental, do seu "alma" para uma fôlego de outra. E' sabidamente um gênio na mais elevada expressão da palavra; mas no mundo, tempo e a inteligência matemática, o instinto, mais potente, a capacidade mais lúdica, é eu conheço. E' um homem que sente, mas é um homem que pensa. Pense o que sente, o que pensa.

poesia, e crítica. Depois, por um movimento reflexo da intelectualidade do corpo ao que critica, e a poesia a que imagina. O seu temperamento que tem um contraste correto, e mesmo como uma crise, quando é um homem, mas intermitente, e dura e violenta.

portanto? Não. A poesia é obediência a qual, e obreiro, se faz colérico, forte, — desejante, raciocinante, placida, como uma mar, no mar em dias de tempestade, e violenta.

O Oceano, porém, é

intensamente agitado pelo golfo que sente, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

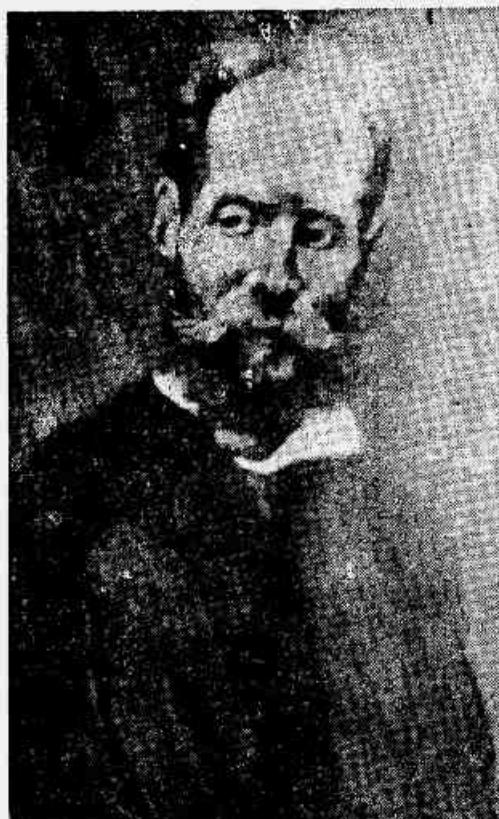
As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.

As suas crises que nasceram, e os versos, porque Antero de Quental não faz versos, nem poesia dos literatos; mas, sim, brotam-lhe da alma, soluços e sussurros. Sabe chorar, como o homem digno de humanidade.



ANTERO DE QUENTAL

SUMÁRIO

PÁGINA 231:

— A alma de Antero de Quental, de Oliveira Martins.

PÁGINA 232:

— Aos estudantes promotores da transladação dos restos mortais de Antero de Quental, de Antônio Sérgio.

— O Soneto, de Antero de Quental.

— Pensamentos de Antero de Quental.

PÁGINA 233:

— Teoria da Santidade, de Antero de Quental.

— Que é o soneto, de Antero de Quental.

— A ação e a idéia pura, de Antero de Quental.

— O avô de Antero de Quental, de Antônio Baião.

— Antero de Quental na apreciação de Camilo Castelo Branco.

— O bom poeta, de Antero de Quental.

PÁGINA 235:

— Amor alegre, de Antero de Quental.

— Dois artigos de José Lins do Rego sobre Antero de Quental. — As dores de Prometeu. — Homem-Ilha.

— A burguesia, a democracia e o mundo futuro, de Antero de Quental.

— Dignidade interior, de Antero de Quental.

— A moral, condição das obras de arte, de Antero de Quental.

— O escritor é um ser moral, de Antero de Quental.

PÁGINAS 236 e 237:

— Vida e obra de Antero de Quental, de Clementino Fraga (da Academia Brasileira).

PÁGINA 237:

— Na tricentenário de Caín, de Antero de Quental.

— A poesia que morre, de Antero de Quental.

— Tendências novas da poesia contemporânea, de Antero de Quental.

PÁGINAS 238 e 239:

— Antero de Quental, de Augusto Frederico Schmidt.

PÁGINA 240:

— Panteísmo, de Antero de Quental.

— A Guerra, de Antero de Quental.

PÁGINA 241:

— As mãos desligadas do corpo, poema de Mário Leão, com ilustração de J. P. Chabloc.

— O problema das identificações na "Lira Acaciana", de José Montello.

PÁGINAS 242 e 243:

— A noite do Conselheiro, conto de João Alphonsus, com ilustração de Osvaldo Goeldi.

PÁGINA 243:

— Poema para o amigo fiel, de Heli Menegali.

PÁGINA 244:

— O noturno da Lapa, de Ribeiro Couto (da Academia Brasileira).

— Pseudônimos brasileiros, de José Augusto de Lima.

PÁGINA 245:

— O suicídio dos poetas, de Antero de Quental.

— A colaboração de Filiberto Achado n. 6.

— Efemérides da Academia.

— A vida é de cabeça baixa, de Alvaro Moreyra.

PÁGINA 246:

— A desconhecida, de Cásio Ricardo (da Academia Brasileira), poema com ilustração de Santa Rosa.

(Continua na pág. 224)

Algumas poesias de Antero de Quental

OS CATTIVOS

Encostados às grades da prisão,
Oiam o céu os pápidos cattivos,
Já com raios obliquos, fugitivos,
Despede o sol um último clarão.

Entre sombras, ao longe, vagamente,
Morrem as vozes na extensão saudosa,
Cai do espaço, pesada, silenciosa,
A tristeza das coisas, lentamente.

E os cattivos suspiram. Bandos de aves
Fazem velozes, passam apressados,
Como absortos em intinos cuidados,
Como absortos em pensamentos graves.

E dizem os cattivos: Na amplidão
Jamais se extingue a eterna claridade...
A ave trai o voo e a liberdade...
O homem tem os muros da prisão

Aonde ides? qual é vossa jornada?
A lux? à aurora? à imensidão? donde?
— Porem o vento passa e mal responde:
A noite, à escuridão, ao abismo, ao nada! —

E os cattivos suspiram. Surge o vento,
Surge o porpax esquível e inquieto,
Como quem traz algum pesar secreto.
Como quem sofre e cula algum tormento... .

E dizem os cattivos: Que tristeza,
Que segredos antigos, que desdidas,
Cunhado de estradas infindas,
Te levam a gemer pelas devezas?

Tu que procuras? que visão sagrada
Te acha da solidão onde se esconde?
Porem o vento passa e não responde:
A noite, à escuridão, o abismo, o nada! —

E os cattivos suspiram novamente.
Como antigos pesares, mal extintos,
Como vagos desejos indistintos,
Surgem do escuro os astros, lentamente.

E falam-se, em s. encio indifíavel,
Controviam-se de longe, misteriosos,
Como quem tem segredos dolorosos,
Como quem ama e vive inconsolável... .

E dizem os cattivos: Que problemas
Eternos, primitivos vos atraem?
Que lux ilílico no centro donde sacam
A lux em juro, as intrincas supremas?

Por que esperais? nes a amplidão sagrada
Que soluções esplêndidas se escondem?
— Porem os astros tristes só respondem:
A noite, à escuridão, o abismo, o nada! —

Assim a noite passa. Rumurosos
Sussurraram os pápidos maledicentes.
Encostados às grades, os cattivos
Oiam o céu e choram silencio os.

OS VENCIDOS

Três cavaleiros seguem lentamente
Por uma estrada erma e peregrina,
Ceme o vento na selva rumorosa,
Cai a noite do céu, pesadamente.

Vacilam-lhes nas mãos as armas rotas,
Têm os cotovelos punhos e abutins,
Em desalinho trazem os vestidos.
Das feridas lhes cai o sangue, em gotas.

A derrota, traíçoeira e pavorosa,
As frontes lhes curvou, com mão potente.
No horizonte escuro do porente,
Destaca-se uma mancha sanguinosa

E o primeiro dos três, erguendo os braços,
Diz num soluço: "Amei e fui amado!
Levou-me uma visão, arrebatado,
Como em carro de luz, pelos espacos!

Com largo voo, penetrei na esfera
Onde vivem as almas que te adoram.
Livre, contente e bom, como os que moram
Entre os astros, na eterna primavera.

Porque irrompe no azul do puro amor
O sepro de desejo pestilente?
Ai de que um dia recebeu de frente
O seu hálito rude e quemador!

A cor rubra e olorosa da paixão
Abre lânguida ao raio matutino.
Mas seu profundo calor purpúreo
Se regava veneno e podridão.

Irmãos, amei — amei e fui amado...
Por isso vago incerto e fugitivo,
E corre lentamente um sangue esquivo
Em gotas, de meu peito alanceado."

Responde-lhe o segundo cavaleiro,
Com sorriso de trágica amargura:
"Amei os homens e sonhei ventura,
Pela justica heroica, ao mundo inteiro.

Pelo direito, ergui a voz ardente
No meio das revoltas homelidas:
Caminhando entre raças oprimidas,
Fiz-las surgir, como um clarim frenete.

Quando há de vir o dia da justiça?
Quando há de vir o dia do resgate?
Traiu-me o gládio em meio do combate
E semear na areia moedas!

As nações, com sorriso bestial,
Abrem, sem ler, o livro do futuro.
O povo dorme em paz no seu monte,
Como em leito de purpura real.

Irmãos, amei os homens e contente.
Por eles combati, com mente justa...
Fiz-me morrer à mingoa e a areia adusta
Bela agora meu sangue, indignamente."

Dix então o terceiro cavaleiro,
"Amei a Deus e em Deus pus alma e tudo
Fiz do seu nome fortaleza e escudo
No combate do mundo traqueado.

Invoquei-o nas horas afrontosas
Em que a mal e o perigo dia assalto.
Procurei-o, com ánsia e sobressalto,
Saudando mil encinas divindosas.

Que vento de ruina bate os muros
Do templo eterno, o templo sacerdotal?
Rulam, desabam, com fragor e estampido,
Os astros pelo céu, frios e escuros!

Vacila o sol e os santos desesperam...
Teio recuma a lux dos dias...
Ai dos que juntam com fervor as mãos!
Ai dos que creem! ai dos que ainda esperam

Irmãos, amei a Deus, com fé profunda...
Por isso vago sem conforto e incerto.
Arrastando entre as urzes do deserto
Um corpo exangue e uma alma moribunda".

E os três, unindo a voz num aí supremo,
E deixando pendur as nubes cansadas
Sobre as armas inutiles e quebradas.
Num gesto inerte de abandono extremo,

Sumiram-se na sombra dovidosa
Da montanha calada e formidável,
Sumiram-se na selva impenetrável,
E no palor da noite silenciosa.

ENTRE SOMBRAS

Vem às vezes sentar-se no pé de mim
— A noite doce, desfolhando as rosas —
Vem ter comigo, às horas divinissas,
Una visão, com asas de seção...

Pausa de leve a delicada mão
— Resende náusea a noite sotoperada —
Pausa a mão compassiva e perfumada
Sobre o medo doceido coração..

E diz-me essa visão compadeçida
— Há suspiros no espaço vaporoso —
Diz-me: Por que é que choras silenciosos?
Por que é tão erma e triste a tua vida?

Vem comigo! Embalado nos meus braços
— Na noite funda há um silêncio santo.
Num sonho feito só de luz e encanto
Transporás a dormir estes espaços...

Porque eu habito a região distante
— A noite exala uma doçura infinida —
onde ainda se erê e se ama ainda,
onde uma aurora igual brilha constante... .

Habilé ali, e tu virás comigo
— Palpita a noite num clarão que ofusca —
Porque eu venho de longe, em tua busca.
Trazer-te paz e alívio, pobre amigo...

Assim me lata essa visão noturna
— No vago espaço há vozes dolorosas —
São as suas palavras carinhosas
Agua correndo em cristalina urna...

Mas eu escuto-a inóvel, sonolento
— A noite verte um desconsolo imenso —
Sinto os meus membros como um chumbo denso,
E mudo e tenebroso o pensamento...

Fito-a, num pasmo doloroso absorto
— A noite é erma como campa enorme —
Fito-a com os olhos turvos de quem dorme
E respondo: Bem sabes que estou morto!

A FADA NEGRA

Uma velha de olhar agudo e frio,
De olhos sem cor, de lábios glaciais,
Tomou-me nos seus braços sepulcrais,
Tomou-me sobre o seuermo e vazio,

E beijou-me em silêncio, longamente,
Longamente me uniu à face fria...
Ou como a minha alma se estorcia
Sob os beijos, dolorosamente!

Onde os lábios põe ou, a carne lopo
Mirrou-se e enceneceu-se o cabelo,
Menos ossos confratrigaram-se. O gelo
Do seu batô seca mais que o fogo.

Com seu olhar sem cor, que me fitava,
A Fada negra me qualhou o sangue.
Dentro em meu coração inerte e exangue
Um silêncio de morte se engolava.

E voltei em redor olhos abertos,
O mundo pareceu-me uma visão,
Um grande mar de nevoa, de ilusão,
E a lux do sol como um luar de mortos...

Como o espelho dum mundo já defunto,
Um farolço de mundo, novo,
Ruma atraia que sacude o vento,
Sem cor, sem consistência, sem conjunto...

E quanto adora quem adora o mundo,
Brilho e ventura, esperar, sorrir,
Em vi tudo oscilar, pensar, cair,
Inerte e já da cor dum mortibundo

Dentro em meu coração, nesse momento,
Fez-se um buraco enorme — e nesse abismo
Senti ruir não sei que castelâo,
Como um universal desabamento...

Ruizal velha de olhar agudo e crua
E de hálito mortal mais do que a pestil.
Pelo beijo de gelo que me deste,
Fada negra, bendita sejas tu!

Bendita sejas tu pela agonia
E o luto funeral daquela hora
Em que eu vi baquear quanto se adora,
Vi de que noite é feita a lux da dia!

Pelo pranto e as torturas benfeizas
Do desengano... pelo pão austera
Dum morto coração, que nada espera,
Nem deseja também... bendita sejas!

Antero de Quental, tradutor

Do Inglês de Edgar Poe

Não sei se era seu sélo ilha encantada...
Paraíso de canto,
De perfume, danor e formosura...
Se um templo a beira-mar, um templo santo,
De lux e aruma cheio!
Não sei... Pela sôa alguma sua ventura?
Mas dormia embalada no seu sol...
Minha alma, sonhadora.

Um suspiro... uma prece...
Leva-me o vento pela noite escura!
Sonho!... Um sonho que se esquece!
Mas não se esquece o sonho da Ventura!
Que fantasma nos brada: — avante! avante!
Esquecer! esquecer! — ?
O coração não quer!
Não quer... não pode... fui vacilante
Onde teve seu ninho e seu amor,
Ai de ti decaí, sombrio, incerto...
Bá de ficar, parir no céu deserto,
Ave eterna da dor!

— Nunca mais! nunca mais!
Que dia a onda a praia? há um destino
Triste, partido, em seu gemit divino,
E um mistério infeliz naqueles aí!
— Nunca mais! nunca mais!
E o coração que dia as mortas flores
Do seu jardim dormores?
Como o onda — jamais!

Se eu pudesse sonhar? Ah! posso ainda
Sonhar... se for contigo!
Sempre! sempre! a meu lado, inagem linda...
A noite é longa... vem falar comigo!
Estende os teus cabelos...

O céu da tua Itália, não, não brilha
Como brilham meus sonhos, vagos, belos,
Se me falas à noite em sonhos, filha!

Levaram-te! Levou-te a onda dos mares!
A aza da aquia! o vento!
Geme cativa — chorar sem aiento,
Pomba danor, sandália dos teus lareis!
Teu ninho agora é triste, glacial...
Um leito conjugal!
Antes a terra escura, pobre escrava,
Aonde — sob a abóbada sombria —
Tua alma os voos livres estendia...
E o coração amava!

(1864 — "Primaveras Românticas").

Aos estudantes promotores da transladação dos restos mortais de Antero de Quental — Antonio Sergio

"Um jornal, orgão da mocidade académica, deve ser não somente uma manifestação vibrante de patriotismo e de imparcial justiça, mas também um testemunho de serena evolução das ideias e de meditados planos de reforma".

ANTERO DE QUENTAL.

"Deus é espírito, e é necessário que aqueles que o adoram o adorem em espírito e em verdade".

Evangelho de S. João, IV, 24.

O jornal do Rio inseriram ontem um longo telegrama daqui sobre o vosso plano; são dele os seguintes perfis:

O grupo de estudantes, na sua maior parte agoreanos, no momento de levar a efeito a transladação dos restos mortais de Antero de Quental, da sua campa humilde e florida de S. António, ignorado da ilha de S. Miguel para o Panteão Nacional, é, para os Jerónimos, o velho mosteiro manuelino que abriga os despojos de Alexandre Herculano e outros vultuosos.

O velho agorão simpática a idéia e logo à volta dela se junta poetas e literatos, a mocidade das escolas e a velejaria das academias, levados todos pela sua admiração a maiores poetas da terra portuguesa, a divina encarnação e o pensamento filosófico.

O ato virá a bordo de um navio de guerra, navio que simboliza da alma heróica da raça e, mal que ele avise, a escassez de águas em seu eterno trono de sete colunas.

Então acorrerá prestando nos restos de Antero a que lhe é devida. Depois, o seu ato de recoberto de loureiro, de hastas de lirios e flores do ameixa, as ruas até se ir engulfar nos Jerónimos e dormido entre as sobras angustias das novelas que via da Cama, Pedro Álvares Cabral, e tantas outras por essa alma ancestral de poetas e navegadores a todos os extremos do mundo".

Assim apareceu ante os olhos esta naufragada resolução de um dos meios relativos e mais sinceros, das mais nobres das mais divinas de todos os homens, em um ligeiro exame da situação de Portugal, se é que me permito.

A essa situação, e ao lado delas o vosso projeto: e fique que, apesar de tudo não naufraga a nossa Pátria no económico, nem no financeiro; naufraga nisto a das "intelectuais". Desfaz-se em porquerilidade, em invenção, em inconsciência. O problema basico, não a crise mais grave não é económica, nem financeira, nem mesmo, como tanto se diz, uma crise de e uma crise de mentalidade. Fui de palavras que me limito a dizer-vos que me parecem sonâmbulos eu quem está dormindo?

Devida, a fazer-se uma manifestação a qualquer de Antero de Quental que compriria fazê-la. Mal: o é pensarmos todos os instantes, em Antero de não, porém, para lhe viajar os ossos, mas para lhe encorajar e seguir o exemplo. O vosso ato neste momento que não entendeu causa alguma — nem sentido que ele pensou e do que ele escreveu. De Antero de e o vosso projeto vier à prática haverá um dia, de

possuir os ossos; mas creio que não tendes, por enquanto, a mesma parceria do seu espírito. Ande mas o nome de Antero e sua imagem; leiam-lo, (leiam-no, como? já notaste, senhores, que não há uma edição das suas obras?) — leiam-no, meditem-no, venerem-no, adorem-no como a um santo, imitem-no quanto possível; e por isso mesmo, neste longo, deixemos em paz o seu cadáver. O verdadeiro culto de santo Antero é uma disciplina espiritual, uma obra de elevação interior e de ação social correspondente; adorem-no, senhores, não em osso e em retórica, mas em espírito e em verdade.

A angústia máxima do poeta foi a visão da incapacidade das classes dirigentes da nossa Pátria; exilando-se para canhas, remolos ele queria fugir de presenciar, como confessou, a composição de uma sociedade, o conhecimento de causas afilhadas; acabou por dizer o seguinte: "cada vez sinto mal o triste da minha posição nesta terra lusitana; não me entendo com homens e coisas: apenas com o céu e os montes; mas isto não é suficiente". Hoje, diante de vós e dos vosso atos, juizo que repetiria a mesma frase, intensificada no seu desespero, se voltasse ao mundo, um estupendo caso de cegueira animal.

A mentalidade que se observa na gente letrada portuguesa — na que infuse de qualquer maneira na vida pública do país — tem dado a angústia e a perplexidade de quem se julga vítima de uma alucinação.

De há tempos a esta parte, os políticos, os intelectuais, a mocidade de Portugal, dão à Terra o espetáculo lugubre de quem busca pretextos de agitação para encher o vazio do próprio espírito, para mascarar, ou esquecer, a conciência da incapacidade de empreenderem a solução dos verdadeiros problemas nacionais. Somos como um miser que, ignorando como resolvem um caso duro de vida ou de morte — vai para a ruia a fazer barulho, a jogar a paulada, a beber cachaça, a achorar-se, enfim, por qualquer processo. Na febre da intervenção no teatro europeu da grande guerra viu-se um exemplo em ponto grande do mesmo fenômeno de atordoamento; o político mais ridículo dessa época chegou a dizer em plenas Câmaras que os problemas básicos da vida interna ficaram para depois: "agora — opinava ele — só a guerra!" — como se um exército eficiente não petrasse a solução dos básicos problemas de uma sociedade! como se pudesse alcançar uma vitória verdadeira, uma vitória própria, uma aliança sólida, quem não tem pão, tem bala, nem fábricas, nem matérias primas, nem unidade moral, nem dinheiro seu — nem faz por tê-las! Por isso, se vencerem os aliados, Portugal, agora, está mais derrotado do que a Alemanha. Miserrou-se, pela agitação externa, a conciliação da incapacidade para resolver os problemas internos.

Não será isso o que estava fazendo com Antero de Quental? Pela não parece que vos atordais a mudar os ossos do glorioso apóstolo — porque não tendes alma para lhe seguir o ensino?

O que ele vos dita, escolares, está bem explícito nas suas obras. Quando lhe pediram um artigo de fundo para o primeiro número de um jornal de estudantes, esse sobre dos nobres escreveu o seguinte:

"Um jornal, orgão da mocidade académica, deve ser não somente uma manifestação vibrante de patriotismo e de imparcial justiça, mas também um testemunho de serena evolução das idéias e de meditados planos de reforma".

Eis, portanto, o que Antero desejará de vós:

Patriotismo;

Imparcial justiça;

Serena evolução das idéias,

e, como consequência de tais fatores, concretização e concretização de tudo isto.

MEDITADOS PLANOS DE REFORMA

Esses planos de reforma deveriam incluir, como sabem, a restauração económica e a remodelação financeira, o equilíbrio político e a educação pelo trabalho, e, evidentemente, a reforma intelectual — tudo iniciado ao mesmo tempo, coordenadamente, pois todas as "unidades sociais" se condicionam umas as outras, todas são causas e são efeitos, num grande círculo de efeitos recíprocos: mas há uma cujo inicio é indispensável a todas as outras, que é a reforma da Inteligência.

Pede-se a um duzão de homens que emprenda a reforma da nossa vida. Mas esses homens que poderão fazer, se não houver uma élite mais numerosa que os compreenda e lhes de auxílio, e se ficarem submetidos à asfixia nesse ambiente de sensibilidade aérea?

A vossa altitude, repito, é talvez uma prova das reflexões que vos submetto nessas páginas. Que se poderá fazer com uma gente de menteira mentalidade, puramente romanesca, espetacular e farfalhuda, com a imaginação absorvida pelo arraial e pela retórica?

O seu ato virá a bordo de um navio de guerra, navio que seja símbolo da alma heróica da nossa raça; e, mal que ele avise, Lisboa, guarnecida de águas em seu eterno trono de sete colunas...

Ah, colinas! Ah, trono eterno! Ah, alma heróica! Rebentai foguetório! Dê ao zumbido, ó seu Zé Pereira! O Jesulino toca o bumbo!

Neste, o gente moça, queréis vós meter uma morteira santa?

Pois não vedes esta verdade: que para termos o direito de empreender tal ato — e para o realizarmos com a decência que tal ato exige — é sempre que primeiro nos distinguirmos pela tentativa de uma reforma, e que cremos para ele um ambiente moral da mais profunda austeridade, simples, severo, másculo, adversário implacável da verborreia turgida, e, antítese perfeita com Portugal de agora?

Não vos digo, estudantes, que seja empresa de fácil obra a de reformarmos a nação portuguesa; mas se faliçesses nesse propósito, se desbassas a sociedade sobre vós no momento de planear, e executardes os meditados planos de reforma, — a catástrofe seria bela, seria nobre, seria digna; se vos apañha, porém, a transportar ossos de lá para cá, não ficaremos todos como o papa do Teodoro, que morreu de repente com uma apoplexia no descer as escadas de sua casa, mascarado de urso, para ir ao baile das senhoras Macedos?

Senhores, senhores! Poupeis ao nome do grande Antero o andar metido na trag-farça.

ANTONIO SERGIO.



Antero de Quental, num retrato feito por António Correia.

O SONETO

Antero de Quental

Como há para cada infinito uma estrela, para cada estrela uma luz sua, há para cada evolução da Arte uma forma própria, única, perfeita.

A forma completa do lirismo "puro" e o Soneto.

"A Ode", como a flor esplêndida do catus, abre os exuberantes ramos do entusiasmo às suas pétalas brilhantes, fortes, ardentes como os rios altos, mas seguros, do gênio que julga o espaço seu e tenta crescer, salar o mundo.

Aquela pompa desmedida mas quando o vento da furde passar, talvez na céu-lhe pendida sobre os espinhos da base, sem-morte, sem que do esplendor da manhã lhe reste mais que a túnica de parura já desbotada, em que se entrelaço como uma rainha desciada no manto da sua antiga realce.

Imaginação luxuriante, prisação de idéias, bobo conjura de mil elementos encontrados — como reduzir tudo isto à simplicidade, ao simples?

Impossível. Aquela forma veste uma substância: é manifestação verdadeira e crua dura evolução da Arte: mas reduzida e simplificada, ninguém o pode fazer, por que a simplicidade daquela forma é completa, como o mundo que a pern. Não é o lirismo "puro".

Entre o Mosteiro da Batalha e essa selva gigantesca de colunas, ogivas, abobadas, portais, chamada Catedral de Strasbourg, há toda a diferença que vai do simples ao completo, do belo ao grandioso.

Ora o lirismo — o lirismo puro e extremo — vive do belo e não do grande, de simplicidade e não de profusão; o sentimento é "um" — simples — por que é a parte eterna, inafável, divina do homem: o olho com que vemos a Deus, a mão com que lhe palpamos o seu. A inteligência, a fantasia, são complexas, profusas, por onde nos entra o mundo, o pulmão com que aspiramos e respiramos o universo, o mundo.

A Catedral de Strasbourg é a grande obra da arte humana, o trabalho de mil inteligências, o pensamento da humanidade numa época de sua vida; um Fausto de estrofes de mármore. O Mosteiro da Batalha é a tozante tradução do sentimento eterno da alma, da aspiração imutável a Deus, o Amor-único, um Evangelho escrito escondido e bairado: uma é ainda a terra; o outro é já o céu.

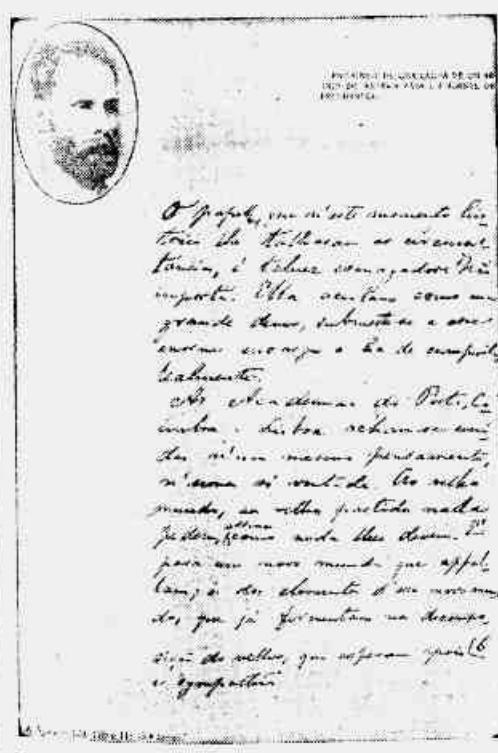
Pois bem: a "ode", o lirismo de cabeça, donde se expõe a universo, será a Catedral da Mel-Idade; mas o soneto, o lirismo puro da alma, a idéia que traduz o eterno sentimento, é o Mosteiro da Batalha.

Prosas — 1.º v.

PENSAMENTOS DE ANTERO DE QUENTAL

O essencial da vida não é a felicidade, mas a virtude.

Conta com o ódio dos miseráveis; mas esse ódio nobilita: ai de quem não o merece!



Retrato de Antero de Quental, de J. M. da Cunha, publicado em "A AGUIA".

Publicado na revista mensal de literatura, "A AGUIA" em 1912.

AMOR ALEGRE

ANTERO DE QUENTAL

Deixemo-nos de nentas — entremos
As antigas paixões!
E' d'ar puro e de iaz que nós vivemos...

E nossos corações,
De luminoso amor, d'amar contente,
D'isso querem viver eternamente!

Viver de flores, como inseto elado...
E, como are, de cantos!
Viver de beijos, de prazer sagrado...
Sim, de prazeres santos,
Como hincem que embala noite e dia
O focando regaço da alegria!

Severa fonte, que nos banha a vida
Em dulcissimas águas;
E, através da existência dolorida,
Nos lava as velhas máquias...
A alma parece nova; e limpa e bela,
Brilha em face de Deus, como uma estrela!

Brilha em face do mundo! Resplandece
Como lúcida aurora!
E' o sol da ventura, que alvorece!
Vale e monte colora
Co'as mil cores do iris da bonança...
E as mil do iris d'alma — a esperança!

Amor que espera e crê... amor ditoso...
Quer Deus que se ame assim!
Dormir no mundo o sono mortoso
De prazeres sem fim...
Passar como um triunfo, em mago enleio.
Mãos unidas e seio contra seio...

Põe teus olhos nos meus, para que eu veja
Luz melhor que a do céu...
O que dentro em teu peito rumoreja
Tudo, é tudo meu:
Meus são teus ais e minha essa harmonia
A que chamas amor e eu poesia.

Poeta não são lágrimas... são beijos...
E abraços também...
Paiões não são suspiros... são desejos...
Quantos a vida tem!
Compre com tuas mãos minha poesia
De paixão e de beijos e alegria.

Vem comigo na vida! hei de levar-te
Por caminho de flores...
Cantara para ti, por toda a parte,
Um vireiro d'amores...
Eu sei o que é amor! estes conselhos
Amor l'os da — deixa falar os velhos!

Deixa, deixa-o dizer, os velhos sábios,
Que só sabem chorar!
Mulher bela, se Deus te pôs nos lábios
Botão de flor sem par,
Flor de luz e ventura... é porque o riso
A abra e transforme em flor do paraíso!

DOIS ARTIGOS SOBRE Antero de Quental - JOSÉ LINS DO REGO

As dores de Prometeu

Em abril de 1842 nascia na ilha de S. Miguel o homem lindo, de olhos azuis, de barba espessa que se chamou Antero de Quental. Na família deles havia poetas e místicos, dois pais muito parecidos com o sobrinho de gênio. Tinham "a mesma carnavação e cõr dos cabelos, o mesmo olhar vago de quem não vê as coisas triviais" O avô de Antero antes de morrer mandou queimara todos os seus versos. Bocage admirava o poeta André da Ponte Quental. Apô e filhos poetas. A herança de Antero não era pequena. Místicos e poetas corriam-lhe no sangue. E a solidão da ilha, a pesada solidão do pedago de terra cercada d'água por todos os lados. "Homem ilhão" seria Antero por toda a vida. Todos os seus contactos com o mundo foram os de uma natureza de solitário. Quis fazer o possível para romper estas cadeias. Em Coimbra dava a impressão de uma saude de gigante bom. Antero se entregou ao socialismo para se curar de suas doenças íntimas. Pretendeu quebrar correntes, em vão. Preso estava ele ao sofrimento que lhe roia a vida, ao pessimismo que era o que segregava o seu gênio. Um amigo viu-o voltar à ilha com os olhos azuis que eram vivos, baços, rublados de dor. "Prazece só o pera a fantasia". O poeta voltava para com as suas próprias mãos acabar com as suas dores. Abacou com o seu corpo. As dores ficaram nos sonetos, na mais negra e mais pungente tristeza que é dado ao homem sofrer. O poeta Antero de Quental viu uma poesia que é das maiores do século. E um poeta ibérico como Camões, capaz de competir com os grandes de Inglaterra, de França, de Alemanha. Os seus sonetos não contam a história de um amor, de

uma paixão, é a história do homem, é a máqua da humanidade como em Eschylo. Ele via o homem acorrado, o homem devorado pela dor, e exprimiu como ninguém o fizera na Península este drama maior. O rapaz lotro, de cabelos em desordem, de olhar quente, que deixara a sua ilha para o continente, voltou carregado de maiores que um galé. Deu doentes na boca para morrer. Mas as dores que ele carregava são eternas. São as dores de Prometeu.

Homem-Ilha

Escrivendo para Oliveira Martins, em vésperas de morrer, dizia Antero de Quental com melancolia de desespero:

"Infelizmente, o período do instinto passou, e é nisso justamente que está a crise: substituir, na direção das coisas humanas, o instinto, que era suiciente, pela inteligência que parece insuficiente. Não vejo saída a este beco escuro".

E como não tivesse encontrado saída no beco escuro, num dia de nebula, de céu escuro sobre a ilha vulcânica de S. Miguel o poeta matou-se para se libertar do que ele chamava de sua "excentrica personalidade". A natureza do poeta dos sonetos foi uma natureza de assombro. Nunca o homem-ilha foi mais marcado do que nele. Vento de ideias, da paixão corriam a sua alma de norte a sul, de leste ao oeste. Germinal tempestades no seu coração, que queria ser livre. Queria amar e o amor para Antero era um amor abstrato, que ele não pegava, que ele sentia mais como um ideal. Então o poeta procurou fugir de sua ilha interior, procurou o continente, procurou o mundo dos sentidos, a cor, a luz, a quentura dos homens. Tudo ai se

ria um desespero de euadido. Esvadiu-se na filosofia, evadiu-se nos amigos, na doença física. Os médicos queimaram-lhe o espírito a ponta de fogo. Mais do que o corpo a se acabar, Antero de Quental tinha um espírito sofrido de fome insaciável. E foi a inteligência clarificada demais que o encandeou, que lhe secou a vida. Quando escrevia aos amigos era para se confessar derrotado, perdido. Fora do seu território não havia terra firme para ele. Procurou terras e terras. Os seus sonetos falavam dessas viagens tenebrosas. E quando mais andava mal se aproximava daquele beco sem saída, de um nada que nem os últimos anseios místicos conseguiram vencer. Poeta do fim da "funerá Beatrix de mãos geladas mas única Beatrix consoladora". Era o Antero que faria da morte a sua musa; musa de negra, de amor frio, de nupcias árticas. Fora este homem másculo e belo que quis vencer o bloqueio das dores devoradoras e não conseguiu. Ficaria cercado de mágoas por todos os lados, batido pelos duros temporais, só e único no meio de seu povo.

Mas o homem lindo lutou contra o destino. Mensageiros mandou pelo mundo. Ilhas querendo istmos para contactos. E nada. Mas por todos os lados, água e abismos, ventos do norte e ventos do sul. O céu escuro e baixo como que caia sobre as costas. O desespero era o alimento do poeta. Desesperou sempre. E quando parou de desesperar mandava dizer ao amigo do peito: "Noutro tempo desesperava-me, o desespero, o reconheço, era um alimento para o meu espírito: vivia disso. Mas agora, que já não posso desesperar, sinto um vazio". Foi este vazio que ele procurou encher com o seu cadáver, o vazio que lhe abriu na alma a inteligência, a lógica. E rindo ria.

A burguesia, a democracia e o A moral, mundo futuro - Antero de Quental condição das grandes obras

A burguesia deu o que podia dar, não se lhe pode exigir mais, uma classe nunca pode ser um apóstolo: é simplesmente um elemento, uma força, cujo ato é determinado pela energia inicial. O que dará a democracia? Quem poderá dizer-ló? E' o escopo onde até hoje tem naufragado todas as sociedades. Será que a sociedade, en quanto dividida em classes, que reagem umas sobre as outras e mutuamente se estimulam, e enquanto essas classes tem, como tal, um fim a cumprir, uma aspiração, um ideal, será, digo, que a sociedade, nessas condições, constitua um meio mais próprio para a produção do cívismo e para a tempera dos caracteres? e que, realizadas aquelas ideias, cessando aquele estímulo, o homem que aquela luta levantara acima de si mesmo, tenha fatalmente de cair na condição primitiva, na do animal de quem desceende, só preocupado com materialidades e visioneas? Não sei: mas o que é certo é que não há sociedade, por decadente e inferior, onde a virtude não seja possível: e se a virtude e o fim último da vida, por conseguinte da sociedade, que não é mais que uma condição para que ela possa dar-se, direi que não há sociedade completamente perdida, completamente inutil, visto que o fim supremo nunca deixa de se realizar. A nós espiritualistas e estóicos deve basta-nos isso. Sejamos nós os que perante o Universo justificam a Sociedade em que vivem, por pobre que ela seja. Cumpram-se por nós o fim da hu-

manidade, impulso primário de todas as Sociedades, e aquela em que vivemos não terá sido, perante o ser, inutil nem estéril. E mãos à obra. Do bem, ainda o mais invisível, não se perde a menor parte, nunca se perderá perder, através do infinito do tempo, através do monstruoso rodopiar das formas e dos acasos. Guarda-se o acúmulo, não sabemos como, na espiritualização permanente do Universo. E' um momento na grande obra do Ser infinito, uma linha, uma pedra, uma areia, uma estrutura do seu grande edifício, e, pequeno ou grande, lá ficará eternamente".

DIGNIDADE

INTERIOR

Antero de Quental

Na hora em que eu não pudesse confessar sem recelo ou vergonha a esse severo juiz que todos temos dentro, os motivos de uma opínia opinião, de uma frase, de uma palavra sequer, proferida numa ocasião grave; na hora em que eu me visse obrigado a ocultar à conciência que julga e sentencia, um só ato da inteligência que pensa e determina, fosse embora aquela frase brilhante e aplaudida, fosse aquela determinação atrevida e admirada — eu é que não poderia nessa hora sentir os lábios a docura do triunfo, mas só no coração todas as amarguras de uma consciência perturbada, o fel da baixeza e da injustiça própria. (Bom Senso e Bom Gosto)

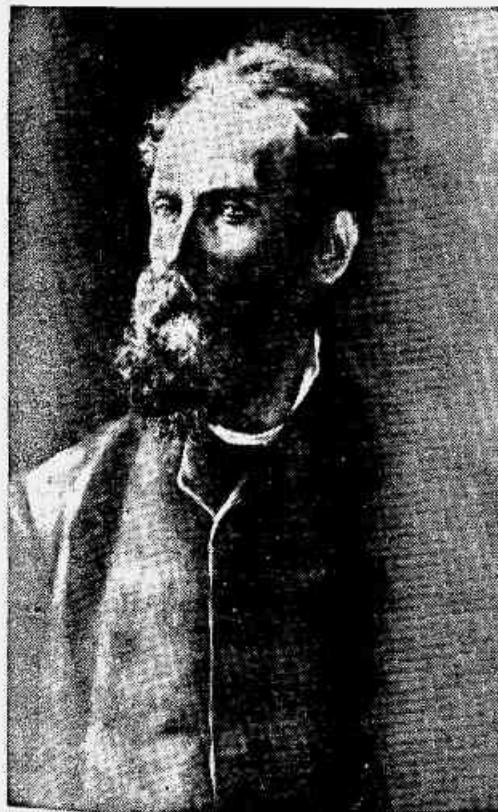
Coisa alguma grande e duradoura se fundou ainda no mundo senão pela Moral, e se o Socialismo tem de ser uma esplêndida realidade só o será como um passo mais no caminho da evolução moral das sociedades. Audácia, audácia e mais audácia! exclamava Dantón no meio de tumulto dramático da grande Revolução: nos, no meio da confusão de um vasto movimento de classes no qual o elemento dramático é pouca coisa, mas enorme o peso das fatalidades económicas, diremos: moralidade, moralidade, e sempre moralidade!

(Cit. por Antônio Sérgio, in Notas sobre Antero de Quental, pag. 14).

O escritor é um ser moral

Antero de Quental

O escritor antes de tudo tem obrigação de ser moral, porque os escritos e os escritores, as artes e os artistas é que fazem a corrupção ou a grandeza das épocas. (Bom Senso e Bom Gosto)



O último retrato de Antero de Quental

PANTEISMO - ANTERO DE QUENTAL

Allein im Innern leuchtet helles
Licht.
Goethe: Faust

I

Aspirado... desejo aberto todo
Numa ansia insaciada e misteriosa...
A isto chamo eu vida; e, deste modo,

Que mais importa a forma? silenciosa
Uma mesma alma aspira a luz e ao espaço
Em humum igualmente o astro e rosas

A propria fora, cuja incerto passa
La etica nas aligures da devesa
Por certo entres Deus - seu olho daço

Foi certo para ser brilho e beleza...
E se rupe, e que a agita surdamente
Tua alma turba, o grande natural

Som, no ruendo há uma vida ardente,
Uma energia intima, tão santa
Como a que faz trinar a are incendiante...

Ha um desejo intenso que eleva
Ao mesmo tempo o coração forno,
E o do ingênuo cantor que nos encanta...

Impulso universal forte e divino,
Aonde quer que irrompa! e belo e aquosto,
Quer se equilibrar em paz no mundo hino

Dos astros incertos, quer no robusto
São os mar tumultuando brado.
Com um furor que se domina a ruído;

Quer dormir na total obscuridade
Da massa morte, quer na mente humana
Sonne ascendente o dia da liberdade...

E sempre a eterna vida, que dormira
Do centro universal do joco interno,
Que era brilho sem reis, ora se empâna...

E sempre a eterna germe, que suspensa
Na estrada do Ser, em turbulência
De ordem e law, enche, intimo e imenso

Atraz de mil formas, mil vozes,
O universal espírito palpita
Sobre o ruendo das criadças

O formas! vidas! misteriosa escrita,
Do poema indecifravel que na Terra
Faz de sombras e luz a Alma infinita!

Surgi, por céu, por mar, por vale e serra,
Rolas, andas sem praia, conjundindo
A paz eterna com a eterna guerra!

Rasgando o seio imenso, ide saindo
Do fundo tenebroso do Possível,
Onde as formas do Ser se estão fundindo...

Abe teu valo, rosa inacessivel!
Rocha, deixa banhar-te a onda clara!
Ergue la, dama, o roo inacessivel!

Ide! cresce sem medo! não é araca
A alma eterna que em vos andas e palpita...
Onda, que vai e vem e cheva para!

Em toda a forma o Espírito se agita!
O mortal é um deus, que está sonhando
Com sua sei que visão vagia, infinita...

Semeador de mundos, vai andando
E a cada passo uma seita basia
De ridas sob os peis temblando!

Estante tenebrosa e pura... casta
E, lodaria, ardente... eterno alento!
Teu sapo é que jucunda a estera vasta...
Choras na voz do mar... cantas no vento...

II

Porque o vento, sohei-o, é pregoador
Que afraça das sordides vai maldizendo
A eterna Lei da Universal Amor

Outre-o rugir por essas praus, quando,
Feito fulão, se alira das montanhas,
Coma um negro Titã, e vem bradando...

Que onesta voz! que predicas estranhas!
E como freno com ferreiro vida
A voz que o libra em extensões tananhas!

Ah! quando em pé no monte, e a face erguida
Perde a banda do mar, escuta o vento
Que passa sobre mim, a todo a brida,

Como o entendo ento! e como atento
Lhe escuto o largo canto! e, sob o canto,
Que profundo e sublime pensamento!

Ei-lo, o Ancião-dos-dias! ei-lo, o Santo,
Que já na soldado passava orando,
Quando tudo o mundo era negrume e esplanto;

Quando as formas o orbe tenteando
Mas se sustinha e, incerto, se inclinava
Para o lado do abismo, vacilando;

Quando a Força, indecisa, se encroscava
As espirais do Céos, longamente
Da continua primeira ainda escrava;

Ja ele era então livre! e rijamente
Sacudiu o Universo, que arrodasse...
Ja dominava o espaço, omnipotente!

Ele via o Principio. A quanto nasce
Sabe o segredo, o germe misterioso,
Escaricando o inconsciente face à face,
Quando a Luz fecundou o Tenebroso

III

Fecundou... Se eu nas mãos tomo um punhado
Da peira do chão, da triste areia,
E interrogar os arenos do seu fado,

O pó cresce ante mim... engrossa... alteia
E, com passo, nas mãos vejo que temho
Um espírito o pó tornou-se idéia!

O profunda visão! mistério estranho!
Ha quem habita ali, e mundo e queda
Invisível está... sendo tomado!

Espera a hora de suspirar sem medo,
Quando o deus encoberto se revela
Com a palavra do imortal segredo!

Surgir! surgir! - é a ânsia que os impela
A quantos vao na estrada do infinito
Erguendo a passmosissima Babel!

Surgir! surgir! - é a ânsia que os impela
A quantos vao na estrada do infinito
Erguendo a passmosissima Babel!

Eis quanto me ensinou a voz do vento.

(De "Odes Modernas")

A GUITARRA - ANTERO DE QUENTAL

I

Três cordas tem a guitarra,
Uma sóta, outra se pinta...
A terceira, que é de ferro,
Todas lhe falam: migrante

Nunquem lhe cantinete,
Com fôrce que não se murchar...

Nunquem lhe cordas de ouro,
Se o fizer quer ver esplarci

Agente em todos cantiga
O que pode acordar

A quem canta os seus amores

Nunquem capela de mulher...

Dua, tres cordas da guitarra
Se a tenorina da ás...
Bastou-me um amor na vida,
Um se amor e não mal!

Quantas lutas tem a rosa?

Quantas rulas tem a sol?

De quantas ervas do monte

Faz o nimbo o resumido?

Quantas ondas d'agua amarga,
De tenta que andam no mar,
Quantas ondas são precisas
Para um homem se afogar?

Dize-me, o rosas do monte,

E ondas que andam a fuga...

Quantos amores se querem

Para um poiso se partir?

Não sei quantos peitos tenna,
Nem ja quantos corações...
Mas não cabem dentro deles
Minhas grandes aflições!

Quem tem vida para isto

Mal valia não a ter!

Palavras leva-as o vento...

Quem as poderá esquecer!

Das três cordas da guitarra,
Uma chora, outra dás...
Bastou-me um amor na vida,
Um só amor e não mal!

II

Guitarra, minha guitarra,
Quem as cordas te estalou?
Acabe-se esta cantiga
Aonde o amor se acabou!

III

Lindas águas do Mondego,
Por cima olival do monte,
Quando as águas vai crescendo
Nunquem passa além da ponte!

O' ru, ru da cida,
Quem te fará atravessar!

Vais tu cheia de tristezas...
Nunquem te pode passar!

Mas dize tu, o Mondego,
Pois todos levam seu fado,
Tu que fodes e em que fico,
Qual de nos vai mais pesado?

Tu, ao som das tuas salgadeiras
Levas as tuas areias
Eu, ao som dos meus desgostos,
Levo estas neças ideias...

Debaixo do arco grande,
Onde a agua faz romane,
Têm pouca certa qualquer triste,
Que anda a banca de descanso.

O luar late no rio,
Tem um manej folgor...
Não há assim véu de noiva,
Não há mortalha melhor!

Lindas arecas do rio!
Uma traz doura a fôrte...
Vão direitas dar ao mar...
Ah! quem poderá dormir!

Quem tiver amores tristes
E andar roto a mendigar
Da-lhe a agua um brando leito
E bá de vesti-lo o bar

A noite, o salgueiro é negro...
Com o vento meneando,
Parreiro filas de trados,
Todos em coro rezando.

O' frade fechou o seu livro,
Vai caminhar o seu fim...
Que eu já tenho quem me entere,
Mais quem me rezé alim!

Lindas águas do Mondego,
E os salgueiros a cantar!
Quando a cheia é de tristezas
Nunquem a pode passar!

IV

Guitarra, minha guitarra,
Quem te bavia de estalar?
Bem se acaba uma cantiga...
O amor não quer acabar!

V

Vou morrer — mas não desejo
Campô sobre alevantada...
Cavem minha sepultura
No seio da minha amada!

Sejam-me círios brilhantes,
Quando me for a enterrar,
Os seus olhos tão formosos,
Tristes por mim chorar!

Que não me queimem incenso,
Entre cantos funerários...
Ei não quer outro perfume
Mais que o incenso de seus aíl

Não se oíam os graves allos
Dobrando com grande dor...
Basta que no peito dela
Dobrem suas ideias d'amor!

Não quero (ainal funesto!)
Cruzeiros alevantados...
Sejam-me cruz os seus braços
Sobre meu corpo encruzados!

Por nessa cruz que esperei,
Enquanto esperar podia...
Se não foi cruz da esperança,
Seja-me cruz da agonia!

Não quero me deixa sombra
Negros ciprestes erguidos...
Bastam-me, enquanto eu dormir,
Os seus cabelos caldos!

Envolve meu corpo morto,
Como perfumado véu,
Esse véu de ouro, sonde
A vida se me prendeu...

E coisa justa, menina,
Que esta defunta paixão,
Já que sem pena a matasta,
Se entere em seu coração!

VI

Guitarra, minha guitarra,
Ja que a corda te estalou,
Pode acabar a cantiga,
Aonde o amor se acabou!

205.000.000

J.R.C.



DESLIGADAS DO CORPO

(Ilustração de J. P. CHABLOT)

**Eu queria ver as tuas mãos desligadas do teu corpo,
distantes do teu corpo,
a serviço unicamente do teu espírito.**

**Queria ver se reflexos de transcendentes estrelas
não viriam pousar sobre elas.**

**Queria ver se uma língua de fogo,
misteriosa e purificadora,
não desceria sobre elas.**

Mucio Leão

O problema das identificações na "Lira acaciana" — Josué Montello

Quando outras provas não vo Bilaç. O romancista insistisse para demonstrar a no, com suas salivas e o seu estrela de Eça de Queiroz como romancista — bastava, para instar o fato de haver errado e imposto a lembrança de seus feitos e tipo caricatura do Conselheiro Acácio.

Em toda a sua vasta galeria de tipos é este homem austero, realmente, o que mais frequentemente nos atode à lembrança. O Conselheiro Acácio é tão doloroso e trágico como o Dom Quixote. O primeiro encontro com ele faz-nos rir, e louvar o poder sarcástico do grande romancista meridional. Uma segunda leitura de "O Primo Basílio" já nos inspira certa admiração por aquele homem de origens de abano, que tinha o talento das altitudes e o gomorão verbal dos lugares comuns.

O novo encontro já nos dava também de Eça uma impressão contrária à primeira — e ai desparamos o romancista que sonha fixar o doloroso drama da existência artifical de um homem espantosamente mediocre que encravava como fatos de excepcional importância os atos banais do mundo.

De todos os livros do romancista português, foi "O Primo Basílio" aquele que desempenhou maior columna da crítica. No Brasil e em Portugal, grandes vozes de escritores ilustres acusaram ou defendiam o "pobre homem de Fozinhas do Varzim". Até o nosso Machado de Assis, sempre reticente, quisasse apreciando revelar o seu julgamento sobre os homens de seu tempo, escreveu um artigo, entre impiedosa e aguda, para castigar, neste lado das Américas, exata excepcionalidade de romance de Eça de Queiroz.

O drama de Lívia e de Jorge e certas reuniões desagradáveis para os olhos pudicos foram duramente reprimidos pela imponência do tempo. Mas, "a una vez", todos proclamaram a segurança com que o escritor soubera matar, nos movimentos do romance, tipos como Julian e Joyce, Basílio e Lívia.

Uma figura, no entanto, subiu mais que todas no Edifício dos principais escritores do romancista de Eça foi o Conselheiro Acácio, o fantástico Conselheiro Acácio, o prudente par do Reis, o ambo dos ministros, o cíduo sempre, de lá e para trás que exercitava, sem descrença, os mandamentos leais dos entusiastas cívicos.

Tão grande foi a repercussão do herói de romance de Eça que, desde então, no Brasil e em Portugal, o chamar-se Acácio constitui um motivo de gênero e zombaria.

A propósito de tudo, passou-se a citar o Conselheiro. Em toda parte, nos jornais e nos livros, começou-se a descorbrar frases e sentenças conselheiristas do tipo: "Acácio".

Nos homens graves e respeitadores da lei, que prostravam tombar attitudes exageradas a propósito de nimbarias — descobriu-se logo a presença do herói fatal que saía da pena sarcástica do romancista primitivo.

Eça de Queiroz não poderia ambicionar para o Conselheiro uma glória maior. Acácio firmara-se, no mundo das letras, com o mesmo elan de um Tartar, um Piewick ou um Dom Quixote.

No Brasil, a geração de Olavo Bilaç teve a idolatria de Eça de Queiroz. Até Machado de Assis, que pertencia a uma geração anterior e que rezava por entre cartilhas em matérias de arte literária — participou da admiração do escritor lusitano, muito embora viesse da geração romântica e vivesse voltado para uma concepção de romance que estava, em muitos pontos, em situação oposta à do autor de "O Crime do Padre Amaro".

Mas onde o Eça encontrou os seus admiradores mais ardentes foi entre os rapazes alegres e combativos da geração de Olavo

Bilaç. O romancista insistisse com suas salivas e o seu estrela em fazerem a acolhida e a república, o melhor clima para o seu renome de criador de tipos e de cenas, porque as suas histórias e a sua forma estavam em correspondência com a grandeza real das mesmas batidas e a estétila literária das mesmas partilhadas do final do Império.

Em 1878, quando o Conselheiro Acácio surgiu nas páginas imortais de "O Primo Basílio", num relâmpago, lhe adveiu uma celebidade definitiva. Foi transportado para o teatro e para a caricatura, para o verso e para o artigo de fundo para a malícia das ruas e para a zombaria dos jornais.

Mas nem todos os admiradores de Eça de Queiroz sabiam que o seu famoso personagem foi o inspirador de uma prima-rosa satírica política, aparecida na imprensa flamenga no inverno deste século. E seus autores foram três nomes de eminentes ilustres das lettras brasileiras: Olavo Bilaç, Alberto de Oliveira e Pedro Tavares.

A satisfeita, primeiramente divulgada no jornal, apareceu depois em livro, com o título "Lira Acaciana" e a dedicatória de mestre colecionador por Áureo Bilaç. A página de abertura destinada a comemorar a "Lira" é uma pelema de verso e revela uma feliz imitação do estilo de Eça. Basta a transcrição de um pequeno trecho para dar ao leitor uma ideia de como essa imitação é realmente primorosa e de como nos faz lembrar o Eça das mais sarcásticas encenações da correspondência de Francisco Mendes. "Confesso, de

mais de vinte anos, Acácio de Nossa Senhora e tenho presente, como o leitor a vez primeira que o vi, estudando em São Paulo, na calçada do Prazer, a conversar com Raquel Pachela, sobre suas transcendentes qualidades de poesia, história, filosofia, educação, jurisprudência. Para falar com rigorosa verdade e justiça, Acácio não conservava. Ele não tinha uma ideia, não apresentava um ponto de vista, nem lembrava uma objecção, não profetia palavra, não abria nem fechava os labios bicudos. For

esse tempo, Acácio tornou-se entre nós superior e distinto, unicamente porque possuía um enorme bom-senso. Todavia, não era só. Cuestão esse bom-senso, que o Dr. Campos Salles não soberbamente proclama e ainda hoje (Acácio anda berardo) ex-quarentão clama preceito — nunca, deu, da sua existência, uma manifestação positiva, expressa visivel. O enorme bom-senso de Acácio ficou sempre reconhecido nas profundidades de Acácio!"

Essa introdução, feita em forma de carta e dirigida a um Senhor Cuestão, vem assinada pelo suposto colecionador da "Lira": Angelo Bilaç. E segue-se, formando o livro, os trabalhos poéticos firmados por Júlio, Conselheiro Acácio e Xênia Quinhas, Dr. Sá Hucius, Um Acadêmico, Matricoba, Peláez, Dom Riba, Manoel Netas, Caçarão, Ubaldó, Cadete, Mamede Pachela, Romero Silva, Crepe Junior e Pierrit.

Todos esses pseudônimos representam Olavo Bilaç, Alberto de Oliveira e Pedro Tavares. Os nomes não eram usados e podiam, ademais, ser utilizados por qualquer dos três escritores. Essa circunstância veio criar um difícil problema de identificação literária, porque se tornou quase impossível determinar, com certeza, a autoria de cada trabalho, reunido na "Lira Acaciana".

Quals seriam, nesse livro, os versos de Olavo Bilaç, de Alberto de Oliveira e de Pedro Tavares? Muitos estudiosos da mesma história literária fizeram inutilmente tal pergunta, porque ninguém lhes pôde res-

(Continua na pág. 245)

A NOITE DO



O escritório era amplo e solene. Solene justamente pela emplitude, pela gravidade do mobiliário, em madeira quase preta, sobreressente o dízimo neocolonial confortabilíssimo, de pes reforçados, em caixas competenteamente tauricado, a grupo de canto estufado, também neocolonial português, e a cadeira colonial americana, de repouso e leitura, colocada de costas para uma das quatro janelas e para a grande lâmpada de pedestal, que iluminava igualmente os escritórios, encosta esta que tinha na parte superior do encosto alto os olhos de quem ali se sentasse, tanto percepção de oportuno geral e de proteção das preciosas vidas da vista. A mesa de trabalho de Ishaava entre os

grandes janelas, era rigorosamente colonial, e lentilhas, composta a sua fachada exterior de molesas telhas nas rellhas círculas níveas. Fator essencial de singularidade eram as estantes em igual madeira sombria, largas e compridas, em cujas prateleiras envidraçadas os livros se enfileiravam com perpétuidade alguma. Todos encadernados em marofa, todos de igual aspecto e colocados em ordem de tamanho, igualdade e fraternidade de inumerosíssimas obras em que o espírito humano se tornava de contado, contradito, derrotado, construído, encravado, desesperado. Ali no maravilhoso luxuoso, através dos muros, tremidos, livros de todas as nações e de todos os idiomas se revestiam identicamente, repetindo, como se o obreiro fosse me-mo igualar, fraturizar, refletir, e por esse meio neutralizar, a todos eles, para queixar a tranquilidade com a certeza de que an-

carou o silêncio de sua propriedade, até que o exortário avançou solene. Não estava alegre nem triste. Espantar-se-ia se lhe persuadessem se estava alegre ou triste. E responderia com contrariedade de quem responde de uma imperfeição — que se sentia normal. Por isso mesmo os livros não lhe perguntavam nada, ou malhavam, o conselheiro, ou amaldiçoavam.

Perio da mesa de trabalho
uma parte do estante se dedicava
às com altojado de madeira
em vez do vidro, cuja base era
uma escrivaninha, que era
muito direita, ocultando a ja-
queira de seda e os chinelos que
o casal usava trocava, no cheiro
pelo jacarandá e impôs de ria.
Havia também aliadas
junto ao armário algumas re-
stas e trochilas de vassouras
brancas, que estes não compe-
reciam nos estantes, como ordens
de dadas, embora o casal se
vivesse as rezes se comprimisse
e vestisse as suas aventureiras
polcas modernas, com ganchos
metálicos e golas recheadas.
Mas, aí, a logo em defesa
da consciêcia que tais fei-
turas lhe eram ricas; vizinhos
medo, meditando. Rastreamo-
bacter em direito, desde o gê-
nesis litera a infância de ga-
chir na terra se destinava
obrir uma porta em exaltação, um
resplendor puro, — e oculto
envolto, se fechava a porta
mutilada. Nô passava, pro-
fana de leitura, nô era de ra-
manceira. Branca, nô era bran-
ca, é branca, leitura de manu-
to, ligeira e digerida.

Naquela noite, de júbilo
chocou o canhoteiro no trono,
costurado na cadeira americana.

- estendendo as pernas para o literato, que ele, sim, era um
e tamborete almojado adrede. homem normal.
n menino colocado em frenzic ten-

O NOTURNO DA LAPA - Ribeiro Couto

(Da Academia Brasileira)

Para saber se sou eu mesmo que habito dentro do mesmo corpo, aqui estou, a uma da madrugada, na esquina da rua Marunguape. São outras as luces vermelhas das taboletas; o que nos dizemos "club" há mais de vinte anos, agora se diz "dancing". Não tem, esses, "chamings", aquele estilo dos Politicos, do Palace, que davam à rua do Passeio uma fisionomia de boemia ilustre; "club" em que havia jogo e palco, mas onde principalmente se viam deputados beneficiados, enamorados, de cantoras e dançarinas que bebiam "champagne". Os cassinos das praias absorveram a clientela de luxo destes inacessíveis sítios. O que ficou foi o pessoal menor. Ainda assim, pessoal que já naquele tempo encia os Zuecos e o Congresso dos Tenentes, "cabs" da categoria popular.

A milha sombra de literato provincial ainda se esgueira por aqui, após a obscur tentativa de acertar o "bico" do azougue na "pavuna" do oito. O'as antigas noites em volta das mesas de campista, enquanto o cérebro excitado remoia um poema fluido, em alexandrinos melancólicos. Ainda vejo tanto e tanto e ar esquiva do amado compadreiro, o impaissável secretário de Legião, — o que uma vez embarcou para Cuba e interrompeu a viagem na Baia, dissidente do exercer funções longe deste Rio, deste dia, desta Lapa. Parece que ele ressuscitou o vóz surpreendente, perguntando, triste e com amargor: — "Como é?"

Ainda tem uma nota de dez aí? Depois, tossindo, dirá que a tosse não é nada e fará exibição de musculatura, assumindo uma atitude de atleta na marcha energica. El-o que resulta é um círculo grecolatino, fundo de certa cidade que "fica na curva azul de um golfo pensativo". Entretanto, é tempo de tomar a barca de Nitro, a barca das duas. Vou com ele, pelas ruas desertas; e quando lhe exuto uma citação erida — um pensamento de Spinoza, — já estamos na Praça Quinze e despedimo-nos. Volto sozinho à Lapa.

* * *

Neste bairro, pode-se ficar assim, de pé, numa esquina, ate horas perdidas, sem chamar a atenção de nenhum guarda-civil. Nas ruas que desembocam no Largo — a rua Joaquim Silva, a rua da Lapa, a rua Tropicana, a Avenida Mem de São, a rua do Passeio — sem aquecer aquela rua que vem do mar, e que a gente nunca sabia que se chamava Teixeira de Freitas; há sempre sujeitos de pé, e também mulheiros, mulheres que olham com olhos distorcidos, que caminham com ritmos insinuantes, que temem o ar de pedir quando ofrascem.

De um lado da praça, puzeram uma espécie de torre de elemento armado. Monumento horrível, comemorativo do Pedreiro que Espera o Bonde. Nessa torre, há anúncios de propagandas e vitrinas de diferentes

artigos comerciais. Já não posso ler, como outrora, a visão do asfalto limpo e abandonado, quando o vulto de um vendedor de jornais ou de uma velha mendiga adquiria sugestões de água-forte em perspectiva.

Também não aparecem mais aqueles tipos de outro tempo: a mulher sonambulista, de andar tâstico, que nos pensavam "viciada em cocaína". Imediatamente faltam os mocinhos pálidos, de chapéu de veludo, com grandes olhos solitários a fulgurante.

A multidão é outra. Sócio, dilettante de ambientes, não verá mais, por traz de uma veneziana da rua Joaquim Silva, aquele rosto bêxigo da ama em ruina: "Não me reconhece?" Só para os lados de Conde de Lages é que funcionam alguns escondidos jardins desse gênero, filiais do reservatório botânico do Mangue. Entretanto, os "dancings" contêm o mesmo rechazo humano. As três da manhã, recolhidas as clarinetas, e os saxofones, descem as escadas, aos grupos de duas e três, as funcionárias do sambá: na calçada, espessa, amobilmente, um círculo de rapazes ruivos, que estiveram lá em cima "pagando cerveja". Mas não adianta: as funcionárias imbram em partir soturnas, ciosas de manter a sua respeitabilidade nas imediações do estabelecimento.

* * *

Creio que me enganei. Não é mais da Lapa que me pode vir aquela comoção, deleitosa da angústia noturna, material devidamente trabalhado pela sensibilidade ingênuas, como a teta infinita de uma aranha secreta. Se me recordo tenho, é a de procurar nestas ruas, nestas calçadas, qualquer coisa que eu próprio deixei aqui nas nostalgicas vagabundagens sem rumo e sem consolo. Ainda vejo portas de outrora, com os mesmos poais gordurosos; ainda escuto, através da janela de um sobrado, os surdos gemidos de uma pessoa doente ou o choro de uma criança. As mesmas avróes poeirentas ainda abrem as copas imóveis e afilhas. Há sempre, como ídolos ambulantes de uma religião misteriosa, gatos vadios espalhando nos portais, a espera que não se sabe de que extraordinários ritos. Mas falta um elemento em mim próprio, um instinto espontâneo, um vínculo de simpatias e hábitos com as coisas de em torno.

* * *

Como o companheiro morto, os companheiros vivos também estão mortos: o violinista suíço do mão canhoto, o pianista hiper-sensível, o poeta recente-chegado do Para, o secretário de um jornal desaparecido, o esteta das mãos bem cuidadas, o adotescente orador parlamentar. Sem exceção, ficamos todos gordinhos, pesados, responsáveis, dispersos pelo mundo. Estamos mortos. A advocacia, o alto magistério, a administração, os estudos históricos, as missões no estrangeiro, os governos, as

carreiras sérias acabaram com tanta vocação romântica. Qualquer de nós, quando passa, da a impressão de um concretamente da rua 1º de Março, e o próprio, ao entrar uma vez num destes bares da Lapa, fui estranhamente confundido pela calvície, pela rotundidade, pelos óculos com um Ministro da Trabalho. Acabamos de aparente prospera, alimentada, burguesa, nossa presença é sólita. Ningum acreditaria que no mesmo peito daquele desinteressado coração dos vinte anos.

* * *

As quatro da manhã, para diante do cinema Biju, se mantém com absoluta fidelidade os antigos cartazes, com ilusões do antigo gênero. Nascendo de Mem de Sá e Marunguape, as portas fechadas, se temos sobrinhos para que protegem um universo precioso, defeso a quem não tem confidência. Aqui, no seu tempo, havia uma plantão obsesa e decadente, exatamente igual a tia Bileca de um certo conto.

Amanhã, depois do jantar, virá ver "O cavaleiro do crime", drama em série. O cinema Biju, entre tantas lembranças, é como uma fresca vela verde entre as páginas de um livro esquecido; o livro que cada madrugada se abre no seu peito, enquanto sinto no rosto o vento do mar, o vento que tem "da curva azul de um golfo" patinativo.

PSEUDÔNIMOS BRASILEIROS --

José Augusto de Lima

Ouvimos, há dias, curiosa proleção a respeito de nomes "vendáveis", ou, para sermos menos rudes, de nomes facetas de atrair a atenção e de cativar a simpatia deste estranho criador de afeitos e ogerias que se chama o subconsciente das massas. Quem falava era Peregrino Júnior, não propriamente o Peregrino das colas amarradas e onitas da vida, mas o dr. Peregrino Júnior, médico com consultório montado e cadeira concorditada. Referia-se ele a um amigo comum, o jovem colégio dr. Neder João Neder, que, com um nome santo e de construção altamente engenhosa, em estilo musical de "fuga", preferia, não obstante, ser clínico e oficial de Gabiente do Ilustre sr. Gustavo Capanema, a abrir amplamente um bico, ou mesmo sofrível, no laboratório de produtos farmacêuticos. Peregrino demonstrava, de lápis em punho, que com aquele Neder João Neder podiam ser feitas magníficas e numerosas combinações para rótulos de todas as espécies. E imaginava o título do laboratório: — "Produtos Neder S. A." Nos Estados Unidos — acrecentava — um nome assim valeria milhões. E os derivados? "Nederina" — um produto infalível contra lombriques; "Pastilhas Neder" — contra bronquites e tosse; "Comprimidos Neder" — para nevralgias e resfriados... E tudo isto garantido por uma crux de quatro Nédères e um único João, central, sólido e definitivo com a fortuna feita... Era uma pena que não tivesse o rapaz o tino dos inquiriços, e trocasse tudo isto por uma função honrosa, mas precária.

Concordamos. Um nome, realmente, é me-o caminho na conquista do destino. O escultor Celso Antônio, segundo nos afirmam, tem a respeito, estudos interessantes, com os quais pode afirmar, rápida e seguramente, se tal apelido conveniente ao tal nome. Mas al se trata de influências astrais, cabalísticas, colas da idade média. O que não oferece dúvida, entretanto, é que um substantivo

personalitativo pode resumir passados, célfitos atavismos, projectos russos ou inspirar frases. O próprio Estado já o reconhece, proibindo, como proíbe no Brasil, o rego civil de crianças com prenomes ridículos. Rodrigues Cao, que por muitos anos foi médico legista da Polícia carioca, afirmou-nos, certa vez que a maior parte dos criminosos com que lidava, no exercício do seu longo tirocínio profissional, traíam todas as marcas da origem biológica estampadas nos próprios nomes, pilháculos ou arrevesados. Eram estas uma espécie de tatuagem mortal, que logo os identificava na categoria patológica correspondente. Alguns, de honesta procedência, adotavam pseudônimos, confirmando as observações do sanguoso criminalista.

Os entendidos em Hollywood afirmam, por sua vez, que noventa por cento das astas que lojeiam nos cartazes cinematográficos usam personalidades positivas. A cidade do Cinema caramente lanza um aos azares da fama, sem primeiro arrancar-lhe os dentes e raspar-lhe o nome. Em seguida, o profissional estulta-lhe o rosto, a maneira de sorrir, os tiques nervosos, a cor da face, o arredondado das bochechas, e dália-lhe o que a natureza não pode dar espontaneamente: — dentes sob medida para a camera... Outros técnicos examinam-lhe o passado, medem-lhe o físico, penetram-lhe as tendências psicológicas, as inclinações do paladar, do olfacto, da visão e do tato (porque tudo isto influencia), somam tudo as preferências do público e vestem-lhe a pessoa um pseudônimo, que passa a figurar nos anúncios como nome legítimo. Nem sempre, é claro, o falso parece mais bonito que o autêntico, nem os dentes de "paladín" valem mais do que os da gengiva; mas o cinema tem os seus caprichos, e no fim está sempre com a razão. Nunca sucedeu aos astros, pelo menos, o que se verificou com a conhecida artéria central do Rio de Janeiro, cujo nome se

escrevia "Itaia República do Peru", mas se lha — Rua da Assembleia", segundo a exploração de um patrio a outro recente-chegado da terra. Os escritores brasileiros parecem que também preferem não ser... O sr. Antônio Simões dos Reis vem se incumbindo de comprá-lo, através dos verões que está dando à publicidade em fascículos, como preparatório do seu futuro Dicionário de Pseudônimos Brasileiros. Só na "Cidade do Rio", o jornal de José do Patrocínio, ele recolheu 286 exemplares de pseudônimos.

No trabalho de Sánchez dos Reis as revelações são numerosas e interessantes. Gente grave, astuta, aparentemente incapaz de um deslize, surge de repente, revelando-nos antecedentes literários nem sempre honrosos. Outras criaturas de reputação ilibada e massica confessam que usaram máscaras em tempos que lá vão... Por vezes, sucede o contrário: — somos surpreendidos ao saber que o sr. Fulano de Tal foi registrado com o rótulo que ostenta na lombada dos seus livros e que o conhecemos e sempre o tratamos, até em missas de sétimo dia... O rimburto ai passou a ser realidade e esta o embuste. Alguns, como Paulo Barreto e Gustavo Barroso, apresentam nomes e pseudônimos equivalentes em nosso ariço: não usam disfarces; variam de penteado. O leitor fica então pensando na razão que teria levado o escritor a adotar um apelido mentiroso, já que se não forta de ostentar a própria certidão de batismo na placa da esquina. E em, sem o sentir, nas indicações psicológicas. Mas muitíssimo, porque fico sempre sem resposta...

O interesse despertado pelo trabalho do sr. Antônio Simões dos Reis tem sido grande em nosso meio intelectual. Nossa natureza é muito pouco inclinada a investigações de arquivista. Detestamos a craca e o pô. Por isto mesmo, quando encontramos um desses aventureiros do mistério, metido no esca-

fandro da sua paixão pelo desconhecido, a sair do caos com um punhado de coisas novas (e que são velhissimas, no entanto) sentimos um arreio de admiração pelo herói e batemos-lhe palmas esportivas... Se depois, com vagar, e que passam a considerar a serio o seu esforço e compreendemos que ele não é apenas um herói, mas, sobretudo, um abençoado, porque nos trouxe material para nos mesmos, naca reservando para si, sócio o orgulho de dar sem pedir nem esperar coisa alguma em troca... E' este o caso preciso do sr. Simões dos Reis, sargeado que esconde sob um temperamento irrequieito e insatisfatório, uma natureza epicurista de babilônia e um apetite monstruoso de traça. Traça que não destrói é bom que o digamos, mas constrói, que não chega, aíquer a matar a própria fome, porque prefere ir alimentando outros bichinhos que vivem, engordam e prosperam com o seu trabalho.

Os eruditos já começaram a discutir por causa dos Pseudônimos Brasileiros. Bem assim. Em torno de um pseudônimo de Afonso Arinos, por exemplo, Joaquim Ribeiro e Afonso Arinos de Melo Franco Sobrinho estão divertindo. Parece ao primeiro que o Espinosa foi tirado do filósofo holandês Spinoza e adaptado segundo a técnica, seguindo muitas vezes na arte de construir pseudônimos: — Marcos Tuim, de Mark Twin, A. D'Uma Figa, de A. Dumas Filho, etc. Entendo, porém, o segundo, com a autoridade maior de um parentesco próximo e até da honomimia, que o Espinosa do Ilustre servilista mineiro veio de um escrivão, Espinhosa ou Espinosa, de século XVI.

Quem está com a razão é Afonso Arinos Sobrinho. Antônio Espinosa (era este o seu nome inteiro) foi, realmente, um bravo andarilho que, em 1554, saiu de Porto Seguro com José de Aspilicueta Navarro, caminhou trezentas léguas a procura de diamantes

e ouro, andou pelas minas de São Francisco, intrapôs-se pelo Jequitinhonha, escalou a serra do Grão Mogol e encorou a sua marcha em direção norte de Minas. Legitimo caminho de Braz Cubas e D. José Manuel da Cruz, primeiro barão de Mariana, que viu de São Luiz do Maranhão, pelo interior do país, até a árvore do seu áureo trono, atrás do Itacolomi.

Ora, Afonso Arinos, como se sabe, foi um apaixonado polis viagens através dos sertões, maeiros, que cruzou em tudo esentidos. Daí o seu pseudônimo, tirado, não de um filósofo, que nada apresentava de comum com ele, mas do arreio doventureiro, com quem tinha a afinidade da paixão hermética e da fibra de desbravador.

Mas o sr. Simões dos Reis — e ai heciamos em concordar com ele — inclui no seu trabalho, como pseudônimos, simples iniciais de nomes. São estes nomes supostos? Parece-nos que não. Mas o conglomerado do pesquisador não discute isto. Quem escreveu, uma vez e assinou com um júnior, uma cruz, um virgula, está para sempre no seu volume de chárrio, com folha corrida e impressões papilares. Fica o de logo com o direito assegurado a marca, embora confundido com garantias nem sempre positivas. O que se deu com Valentim Magalhães, por exemplo, demonstra a relatividade desse direito. O "V" com que assinava já não traduz o seu nome. Mudou-se em símbolo universal. Quer dizer Vitoria? O pseudônimo atual da relações...

Nessas coisas, porém, o sr. Simões dos Reis não entra para ele, haja o que houver. V. é simplesmente, Antônio Valentim da Costa Magalhães. O resto pode ser muito bonito, mas não figura nos arquivos e coleções por ele vasculhados. Não existe, portanto... Existiria, talvez, um dia, para outro biblióteca da sua marca, e talvez um filho a quem transmitisse o microbico da pesquisa, que o val envolvescendo, mas com sagrando...

O suicídio dos poetas

Antero de Quental

O círculo poético do fim do século passado e do primeiro quarto do atual é apenas um momento, o rebento tardio da velha árvore, que, antes de morrer, concentrara nele um gosto de seiva.

Essa poesia (sinal bem clareiro no enquadramento) é toda subjetiva. É o individualismo, o "sentimento" que a inspira nos mesmos representantes, Bérard, Hartley, Schiller, Heine, Lamartine, Hugo (onde é verdadeiramente Hugo), Mickiewicz, Espronceda, Heredia, Joaquim de Pinto (que por vir tão tarde, não deixou por isso de pertencer à essa ilustra famílial), Leconte, Fosseur. Eles não representam na vida coletiva do espírito humano, os erros e as paixões dum mundo de suas glórias ou sombras de humanidade, que os mesmos intérpretes representavam a si, eles, os únicos em sua cara condonada a desculpar e que, sentindo a ferida exterior por onde lhe fogo a alma, int fregam inquieto e chorando os raios. Se assentam à beira da cunha para morrerem.

(A soma da atualidade — Prece "o volume".)

O problema das identificações na "Lira Acaciana"

(Continuação da pág. 241) perder no certo. E elles ficaram no campo vago das hipóteses e das especulações.

Pois é precisamente a solução do problema o que hoje podem oferecer aos leitores desse suplemento. Há algum tempo vimos as maiores das exemplar na "Lira Acaciana", em suas páginas, ao pé de cada quadradinho, torna feita a identificação do seu autor. Tempos depois, constatando essas identificações com um original manuscrito do poeta de "A Tarde", queremos chegar à conclusão feita de ante-hora o próprio Olavo Bilac quem as apuzera no volume em que nesse poder. E é graças a isso que damos hoje os nomes de "Autóres e Líras" — esclarecimento daquilo que, à famosa "Lira Acaciana", pertence a Olavo Bilac, a Alberto de Oliveira, a Pedro Tavares.

De Olavo Bilac são os seguidos trechos: Ele!... Autobiografia Estatípico, Bom Senso, O Mandado de Hamlet, Soneto Memoríssimo, Conselho, Antes do Voto, Visita no Tesouro, Beltrão, Lamentação, Soneto Março, De Profundis e Cancioneira. De Alberto de Oliveira: Oração, Presidentes, Em Niterói, Em Petrópolis, o Garranho Vasto, Catinga, Jeremiada, Acaciano, Tatiense e Orelhas e O Mai Pôeta. De Pedro Tavares: Acrílio do Nêxos, O Ganso, Lysa I e II, A Barca "Segunda", O Conde Arthur, Ordens, Um soneto do Intermezzo, Síntese e Novo Empreço.

Foi, no entanto, como se disse, que nos coloca à mão a chave do problema da "Lira Acaciana". Apremos-nos em transmitir no entusiasmo a novidade da noticia. Que esse problema não sómente mais os indagadores da nossa história — e o desejo de quem escreve estas linhas. E formulamos esse voto com a retórica de um velho livro de História, no qual um dos nossos homens de letras, no deparar uma pequena e ocasional coincidência de datas, puzera, numa caligrafia de desespero, esta exclamação de angústia: "Este Heróis ainda me faz perder a cabeça!"

Porque é possível que, neste mundo onde há lugar para tudo, haja alguém capaz de desespero identico para as identificações da "Lira Acaciana"!...

Colaboração de Filobiblion Elemenides da Academia

ACHADO N. 6

Em fins do ano de 1856 e principios do seguinte o tenente de navio da marinha francesa G. Larrouette de Mauberge, embarcado no aristo a vapor "Le Tenare", cruzou a costa setentrional do Brasil, em viagem de instrução. Dessa viagem deu o tenente sua maria noticia nos "Nouvelles Annales des Voyages", tomo I - 1858, págs. 257-274.

Além da descrição dos portos do Maranhão, Pard e Ceará, e mais nesse relatório carece de interesse, porque o oficial de marinha mais parece um "touriste" do que um profissional, mais se ocupa de festas e recepções a que assistiu, do que dos fatos de navegação que devia ter observado. Em todo caso, ao contrário de muitos de seus patrícios contemporâneos, não deprime nem calunia o Brasil, seus habitantes e suas autoridades. São mesmo bastante amáveis as referências que faz a Henrique de Beaupaire-Rohan, que presidia a província do Pard, tenente-coronel de engenharia, a quem o comandante do aristo ofertou uma obra russa sobre fortificações, que ele próprio havia tomado em Schlobopol.

De certo presidente do Maranhão conta uma anedota, que não devia de ter graca. Os quadros do exército eram preenchidos pelo recrutamento mais ou menos forçado; o presidente era a esse respeito muito atuado pelos jornais, e como a constituição brasileira garantia a liberdade de imprensa, ele não podia fazer cair os jornais: imaginou então, para não violar as leis do país e ao mesmo tempo livrar-se daquelas vozes importunas, incorporar ao exército todos os tipógrafos, de modo que as folhas não puderam mais vir.

Para a cidade de Belém teve palavras de franca elogio, e disse que famoso esquerria os dias ali passados. Em seu conceito a capital do Pard estava destinada a ser um grande império comercial, "et je crois que l'Européen qui viend en Amérique chevera fortune, doit y trouver plus que partout ailleurs à y exercer son industrie".

1 DE MAIO

1829 — Nascimento, no Ceará, de José de Alencar.
1837 — Nascimento, em São Paulo, de Homem de Melo.
1864 — Nascimento, no Rio de Janeiro, de Miguel Couto.
1868 — Nascimento, em Minas Gerais, de Afonso Arinos.

1924 — Sessão pública em homenagem a Vicente de Carvalho, falando Amadeu Amaral, Alberto de Oliveira, Augusto de Lima, Humberto de Campos, Osório Duque Estrada e Goulart de Andrade.

1925 — Sessão pública comemorativa do centenário de José de Alencar. Inaldo os srs. Adelmar Tavares, que leu a conferência do senhor Gustavo Barroso, e Fernando Magalhães, que leu a conferência do sr. Afrânio Peixoto.

1884 — Falecimento, em Lisboa, de Adelmo Fontoura.

1920 — Recepção solene de Humberto de Campos, que foi sanduído por Luiz Murat.

1 DE MAIO

1846 — Nascimento, na Polônia, de Henryk Sienkiewicz, que foi membro correspondente.
1861 — Nascimento, no Estado do Rio, de Luiz Murat.
1937 — Falecimento, em São Paulo, de Paulo Setubal.

5 DE MAIO

1934 — Recepção solene do sr. Celso Vieira, que foi sanduído pelo sr. Aluízio de Castro.

6 DE MAIO

1922 — Recepção solene do sr. Gustavo Barroso, que foi sanduído por Alberto Paris.

7 DE MAIO

1795 — Nascimento, no Rio, de Antônio José da Silva, "o Judeu".
1920 — Recepção solene de Humberto de Campos, que foi sanduído por Luiz Murat.

3 DE MAIO

1860 — Nascimento, em Salvaterra.

A vida é de cabeça baixa -- Alvaro Moreyra

A VIAGEM SEM FADIGA

O padre Tomás teve um soneto célebre:

Quando partimos no verão dos anos...

Ali, as esperanças seguem na frente, conosco, e os desengonços caminham atrás. Parece que isso dura apenas no primeiro quarteto. Depois, vivemos, misturados, os anos amarelecem, e então,

Os desengonços é que na frense

E as esperanças vão ficando atrás.

Muito antes, em verso e em prosa, diversos autores mostraram a melancolia de envelhecer. Chateaubriand ate falou das "desdruídas harmonias do poeta que tenta curar o ferimento das flechas do tempo..."

São os homens, em geral, que se preocupam com essas coisas. As mulheres temem um tal desprazer pela idade, que se esquecem delas. Sabedoria instintiva. O que se esquece, não existe.

Os homens prezam demais no "irreparável ultrage", e são capazes de gastar tudo o que possuem com um vinho velho, com a primeira edição de um livro, com um mvelo do tempo de D. João V, com uma joia antiga... Ora, a felicidade está em querer cada um que é também um vinho velho, a primeira edição de um livro, um mvelo do tempo de D. João V, uma joia antiga... Evitar a berra, a traça, o cupim, o ladrão... E, acima de tudo, o ridículo... Crei que é tudo isso por dentro.

Não, não há a melancolia de envelhecer. O que entristece mesmo é comprar um sabonete barato, no fim do mês, as seias ceras na tarde. O resto é "week-end". A noite, Uma coleção de miniaturas. Sim, uma coleção de miniaturas. Pintadas. Ou estrelas. Se eu soubesse pintar, faria as minhas amigas e os meus amigos como Odette Gaspardoni fui juntando sobre marfim, em molduras que parecem halos, princesas, artistas, filósofos, poetas... Como só sei, um pouco, escrever, guardo em palavras as criaturas que passaram pelo meu sentimento e pela minha fantasia.

VENUS CALÍPÍGIA

Um dos encantos da juventude que eu tive, era a Venus Calípiga. Aquela coroa branca me extasiava. Uma mulher de marfim, que impedia todos os fins tristes... Lembrava-me dela sempre. Ela volta lá dos meus dezoito anos, e é a mesma. Nenhuma intimidade a diferencou. Nunca lhe pedi que se vestisse...

NA ILHA

As noites agora são silenciosas. E um prazer não dormir assim. Enquanto lá fora uma chuva lenta cai, — com o meu terno e a minha solidão, aqui dentro, eu tenho as férias da vida. Sem rugeu, posso chamar quem desejo. Vejo quem quero. Falo com quem quero. Não me arisco a encontros aborrecidos. A ilha, enfim!

Chamei Jesus para a ilha.

Jesus que morreu solteiro, não gostou do mundo. Foi-se embora, com trinta e três anos. Não veio mais.

Espalhou, com alguns contemporâneos que ele tinha subido ao céu. Imagem, de certo. E imagem errada, por ser amorosa. Igual à Heire, que mais tarde deixou o céu para os anjos e os guardiões. Jesus já seria como aquele homem de Oscar Wilde, que nunca pode imaginar o céu.

Eu admiro Jesus. Não vivo à imitação dele, porque desconheço que é perigoso.

Que grande intérprete de instantes! Sempre imprevisto, exaltado na aparência, na realidade cético, atirou aos companheiros do futuro um humorismo cínico e repassante, contrasto do nosso humorismo vindo de vilas recalcadas na infância. Exagerou nos símbolos, talvez. Porem a gente que o ouviu não o entenderia sem os símbolos.

Doce, em geral. Energico, às vezes. Essencialmente, tímido.

Precisava de se anestesiar com as palavras, para compor. Precisava de perder a cabeça, para agir. O sármio da Montanha vale por todos os paradoxos de todos os autores, sobre a ilusão. As checadas nos mercadores valem por todas as chicanas que ninguém mais, nem com impostas, dei nuns mercadores. Não se encontra, no teatro humano, nada comparável a cena final do Calvário. Percebe-se ali, com os gestos presos e a atitude de voo, a ironia de um homem diferente, sacrificado pelo bem dos homens semelhantes. Jesus conseguiu isso. Não creio que fosse fácil, na época. Morreu com um perdão cotidiano: os que o malaviam não sabiam o que faziam.

A biografia de Jesus é uma obra-prima de sensibilidade. Gastador de frases, esbanjador de idéias. Jesus não escreveu. Transferiu a tarefa aos discípulos, quase unanimemente ignorantes. Escolheu-os de plena inocência mental, sem nenhum estilo, para que as suas palavras restassem extas, purificadas com ordem, propagadas com seriedade. O que, aliás, não adiantou.

"Disse-lhe Pedro: — Porque não posso te seguir agora? Eu darei a minha vida por ti.

"Respondeu-lhe Jesus: — Darás a tua vida por mim? Em verdade, em verdade te digo: que não cantará o galo, senão que me negue traz vezas".

Madrigada.

Os galos estão cantando.

Vai se acabar o silêncio.

BELEZA

Não ela não se define. Não é o corpo. Não é o espírito. É um sentimento do corpo. É uma imagem do espírito. Está no desejo. Está na renhência. Música nos olhos. Palavra que se aperfeiça nas mãos.

A VELHA COMPANHEIRA

O pintor Segal vin... lhe disse:

— Lá está ela, sempre a mesma!...

CONFISSÃO

Eu não tenho vergonha de ser romântico. Eu tenho é pena de ser gordo.

JOSE DO PATROCINIO FILHO

Sobretudo era um grande ator. Um grande ator brasileiro. Nunca sabia o papel. Andava sempre improvisando. Em vários pontos que teve punham as mãos na cabeça, desanimados de soprar o texto certo. Sorría dessefuncionários da sombra. Criava Surpreza, Balbúrdia. Os espectadores ficavam tontos, delirantes, não compreendiam. Não compreendiam que era José do Patrônio Filho que estava assistindo, e eram eles que estavam representando. A morte apanhou-o com covardia. Se não fosse por uma doença que o estacava todo, não que a morte levava aquele homem mais fino do que um lapis, mais rápido do que uma alegria! A morte chegava, José lhe oferecia um elgarro da caixa que lhe tinha mandado o Príncipe de Gales, um leitor, presente da Rainha da Rússia, principiava a conversar, de piteira na boca, os braços magrissimos acabando no ar as histórias esparramadas... Enganava a morte como enganou a vida. A vida queria que ele fosse um homem mau. Ele foi um dos melhores homens deste mundo. Tranquillamente. O vagabundo José.

A MORTE CONSERVA

Um amigo que morre é um amigo que nunca se perde... A vida é uma desperdiçada...

TRISTEZA

Sim, tristeza é isso: um velho diante de uma loja de brinquedos...

A DESCONHECIDA

CASSIANO RICARDO
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)



Ilustração de SANTA ROSA

**Veio trazida pela violência das horas
como uma pétala no dorso de um rio ...**

**Veio de longe. Veio dos mais profundos mistérios raciais.
Do labirinto de mil e uma noites e alvoradas.**

**Brincou com a vida, como uma criança
que brinca com a morte sem anjo da guarda.
E atravessou os terremotos mais remotos,
as multidões mais ululantes e coloridas,
sem se perder nem antes de outras vidas,
desconhecida, mas absolutamente inconfundível
como uma lágrima pelo fundo de um oceano ...**

**Veio do escuro onde as origens não encontram origem
com uma lanterna na mão caminhando no subterrâneo das coisas
futuras ...**

**Até que, certo dia ...
— por que Deus permitiu esse dia ?**